

Escandinávia à venda na 53ª Bienal de Veneza

Enviado por Vítor Leal
28-Jul-2009

Os Pavilhões Nórdico e da Dinamarca uniram-se numa apresentação provocatória na 53ª Bienal de Veneza. Abalam as políticas das instituições da arte numa afirmação sobre o estatuto da arte e o seu papel no Mundo. "The Collectors" com a curadoria de Elmgreen & Dragset, encontra-se aberta ao público até 22 de Novembro.

Pela primeira vez na História da Bienal de Veneza dois pavilhões apresentam-se como uma unidade criativa. Ligações estabelecidas por um plano homogéneo das diversas culturas dos Países Escandinavos. Observam-se as relações do Homem com os objectos de arte que nos rodeiam e a sua importância no quotidiano, design, Artes Plásticas, Cinema, Arquitectura que entram em jogo num todo, na vida. O público é guiado por um agente imobiliário através do Pavilhão Dinamarquês, que se encontra para venda, fazendo uso de um discurso cinematográfico devedor do falecido realizador Ingmar Bergman. Uma piscina estabelece a ligação com o Pavilhão Nórdico, onde se encontra montado um cenário próprio do interior de uma casa de solteiro, mais concretamente da casa do Sr. B. Um grupo de solteiros recebe os visitantes por entre uma vida, num enredo do quotidiano reconstruído através de objectos domésticos. É a afirmação da arte no quotidiano, a arte como determinadora da narrativa de uma vida, como demonstradora da identidade de cada um, pela demonstração do gosto estético, das opções individuais que se afirmam no modo de ser, de viver. As intenções dos artistas ao longo da Segunda metade do século XX encontram nestes pavilhões, numa apresentação cinematográfica, a sua concretização. São as intenções da obra de arte total, das obras de arte para serem vividas, experienciadas como parte da vida. Intenções anuladas pelos Museus que, não raras vezes as negam nos discursos expositivos, logo anulando a arte. A repercussão da arte de Marcel Duchamp e Joseph Beauys alcança o seu merecido estatuto nesta exposição. Uma afirmação da arte na nossa vida, porque somos a nossa cultura, não a nossa economia.